

ESPECIAL

Em seis meses o aumento chegou a 401% e pode ser explicado pelo número de desempregados

Por **Júlia Müller**

julia.muller@diariopopular.com.br
(Estagiária sob supervisão de Débora Borba)

De março a agosto, 1.796 pessoas realizaram a inscrição para atuar como um Microempreendedor Individual (MEI) em Pelotas. O número é quase três vezes maior que as 670 inscrições realizadas em todo 2019. Se compararmos apenas os seis meses desse ano com o ano passado, o salto de novos registros é de 401%. Uma das explicações para tamanho aumento é o desligamento de pessoas devido à pandemia da Covid-19.

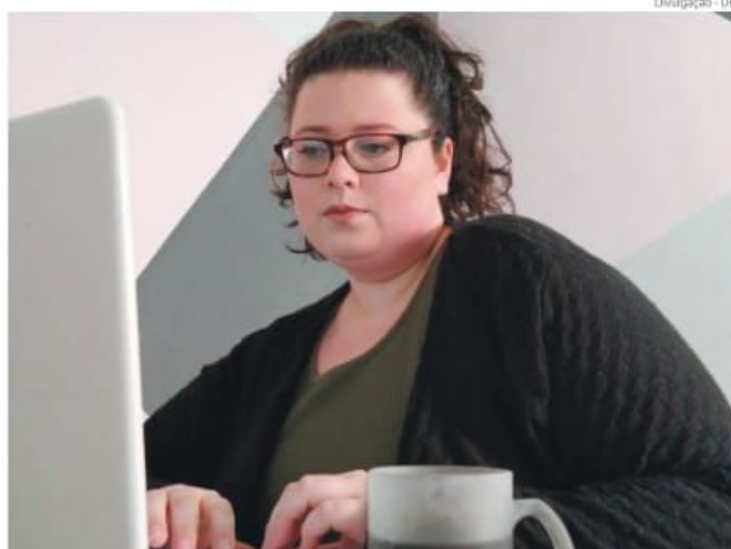
Entre os microempresários, as opiniões sobre o modelo de negócios são divididas. De um lado estão profissionais como Júlia, de 21 anos, que viu na crise econômica uma oportunidade para começar o próprio negócio; e de outro estão profissionais como Maria Lúcia, de 25, que temem que as empresas se apropriem da modalidade para precarizar as ofertas de trabalho.

De acordo com os dados do Portal do Empreendedor do Governo Federal e da Sala do Empreendedor do município, a cidade conta com 20.920 profissionais inscritos como MEI. Uma média de 300 pessoas ao mês buscaram informações sobre o serviço ao longo deste ano.

O perfil dos empreendedores de Pelotas é variado, a grande maioria está entre os 21 e 40 anos - são mais de 11,2 mil nessa faixa etária. As áreas com mais MEIs são as de cabeleireiros (1.619 inscritos), comércio varejista de artigos do vestuário e acessórios (1.468), promoção de vendas (961) e obras de alvenaria (692). Segundo o titular da Secretaria Municipal de Desenvolvimento, Turismo e Inovação (SDETI), Gilmar Bazanella, existem três fatores principais para o aumento, sendo que um deles é o número de demissões e pessoas que tiveram as atividades suspensas na pandemia.

Boa parte dessas pessoas, conforme Bazanella, pode ainda estar sob respaldo do seguro-desemprego, mas ainda sim pode ter influência no aumento de registros. O secretário aponta ainda como um dos fatores o surgimento de novas oportunidades na área de serviços e alimentação. E, por último, a facilidade de cadastramento, o que ele acredita ser um impulsionador para novos empreendimentos.

"Estamos em um momento de re-



Divulgação - DP

Perfil. Júlia agora faz parte das 9,6 mil mulheres empreendedoras da cidade

lham com esse modelo de negócio, contratando funcionários inscritos como MEI, o que pode acabar precarizando os postos de trabalho no ramo. "Não sou uma empresária, trabalho como freelancer para me sustentar. Sou alguém que ao procurar emprego me deparo com essa situação, e se eu não concordar, vai ter outra pessoa mais desesperada que eu. Uma empresa que contrata um funcionário exigindo o MEI está apenas buscando se livrar das obrigações trabalhistas. Quando olhamos os números de novos MEIs nesse período precisamos analisar quantos realmente são novas empresas e quantos são apenas funcionários sem direitos", pontua. **IDP**

Abertura de MEIs quase triplica em Pelotas

tomada de negócios e, mesmo diante de todas as dificuldades, também vão surgir muitas novas oportunidades de negócio. Casualmente, a pandemia acelerou um processo que já estava em curso", ressaltou.

OPORTUNIDADE PARA UNS, IMPOSIÇÃO A OUTROS

Depois de ter as atividades de trabalho suspensas, Júlia Conedera, 21, viu no momento uma oportunidade para começar o próprio negócio. Até então, ela trabalhava em uma casa de festas, que fechou em razão da pandemia. Em dezembro ela se formou em Design de Interiores pelo Instituto Federal Sul-riograndense (IFSul) e, há cerca de dois meses, conseguiu um cliente interessado em começar um projeto. "Uni o útil ao agradável. Fiz a inscrição do MEI e abri minha empresa", comentou.

Há muito tempo ela já visava se tornar uma microempreendedora individual, tanto pelas facilidades de emissão de nota fiscal e vantagens de ter um CNPJ, como por visar a contribuição para a aposentadoria. "Para a minha área é o ideal, já que as vagas

são ou em um escritório ou sozinha. Como estão mais demitindo que contratando agora na pandemia, decidi então trabalhar sozinha", relatou.

Atualmente, ela estuda Arquitetura e Urbanismo na Universidade Federal de Pelotas (UFPEL) e a expectativa é migrar para a abertura da própria microempresa.

Por outro lado, muitos optam pela MEI para se encaixar em uma demanda de mercado. Em janeiro, Maria Lucia Walerko, 25, se inscreveu como microempreendedor individual. A decisão, no entanto, não foi por escolha própria. "Foi uma exigência da empresa, que só contratava pessoas nesse regime, mesmo exigindo horário fixo, 30h semanais e pagando menos que o salário mínimo", contou. Formada em Jornalismo, atualmente ela trabalha como redatora publicitária, revisora de textos e editora de vídeos, tudo na modalidade freelancer.

A demissão na empresa foi repentina. "Não tive nenhum tipo de rescisão ou aviso, fui avisada e desligada no mesmo dia". Para ela, a experiência que passou é uma entre tantas, já que muitas empresas atualmente traba-

POSITIVO PARA CIDADE, MAS NÃO PRECISA SER UMA REGRA

Para o economista e professor da Universidade Católica de Pelotas, Ezequiel Megiato, o aumento no número de MEIs é algo positivo para Pelotas. "As pessoas estão buscando uma forma por de tocar a vida. É uma boa opção para quem quer a formalização e pensa em ter uma aposentadoria do INSS", ressaltou.

O professor frisa que independentemente do número de desligamentos ocorridos na cidade, a alta do desemprego em todo país é um indicativo para a busca por algo que não deixe as pessoas à margem da informalidade. "O MEI é um incentivo para que a pessoa busque uma formalização e assim fique coberta no sentido de previdência", afirma.

Apesar disso, é preciso lembrar das condições para que o trabalhador mantenha o próprio negócio, é o que destaca o pesquisador da área da Sociologia do Trabalho pelo Programa de Pós Graduação em Sociologia da UFPEL, Máximo Ávila. "A lógica atual do mercado empurra o trabalhador para isso, ou seja, caso a pessoa não tenha a possibilidade de estar em um emprego socialmente protegido, ela será obrigada a ingressar em alguma atividade que aufera rendimento (...). A questão é: todo mundo tem condições de ser um microempreendedor individual? Estão preparados?"

O pesquisador assinala os perigos de todo desempregado tomar-se um empreendedor, já que essa mudança requer preparos para lidar com as atividades de forma autônoma. "Porém é complicado tornar "regra" o desempregado virar microempreendedor individual, porque muitas vezes se tratam de pessoas sem preparo. Aí a lógica se torna perversa. O atrativo por vezes está em não ter chefe e fazer suas próprias horas. O que acaba obscurecendo muitas atividades com a intensificação do trabalho e a precariedade. Se é um trabalho via aplicativo: quem decide é o aplicativo. Se opta pelo autoempreendedorismo: seu chefe é o mercado. O desespor por empreender não pode ser uma regra", completa.